

AS ARTES PLÁSTICAS

Saber ver, entender as formas, as cores e o que significam é uma fonte de prazer e de encantamento. Mas é também um sinal de cultura e de abertura às mensagens que os artistas, através das suas obras nos querem comunicar. Há uma grande diferença entre apenas “olhar”, e realmente “ver”. O nosso olhar percorre os objectos e os enquadramentos da nossa vida de forma mecânica e natural, sem muitas vezes apreender os significados ocultos sob as aparências. Que fazem os artistas? Procuram dar-nos a ver coisas que se ocultam sob as simples aparências; pôr em evidencia aspectos da beleza que se contêm nas formas da natureza ou nas formas que não sendo encontradas na natureza são geradas pela sua imaginação e se destinam a despertar emoções em quem as contempla, ou estimular nelas a inata capacidade de imaginar também, e de ter acesso a mundos a explorar pela inteligência e pela sensibilidade. Serão sempre fáceis e claros esses estímulos? Basta a simples satisfação de apreender a beleza nos seus aspectos mais acessíveis e vulgares, ou que lisonjeiam o gosto mais vulgar?

A arte é um modo de comunicação. Para haver comunicação é preciso que haja disponibilidade para receber a mensagem, e isso implica por vezes algum esforço. Para entender e saborear a mensagem dos artistas plásticos, como a de todos os artistas é precisa alguma disponibilidade para a aceitar e compreender. Mas depois vale a pena!

Artes Plásticas? O que é isso?

Uma das formas mais profundas, mais essenciais da expressão humana das emoções, depois evidentemente da linguagem, é a que consiste na comunicação pelas imagens visuais. Tão profundas são que vêm desde os tempos pré-históricos em que os homens, habitando em cavernas e usando instrumentos rudimentares, sentiram a necessidade de representar cenas de caça e figuração de animais, provavelmente com significados mágicos e rituais. Que essas representações, feitas com meios sumários, quer pintadas com terra nas paredes das grutas, quer gravadas nas rochas como nas fascinantes gravuras de Foz Coa, não deixem de nos surpreender pela vitalidade, pelo poder de síntese, pela mestria com que são captadas as atitudes, as formas e os movimentos dos animais representados, é coisa que contém uma lição. E que lição devemos tirar daí?

A lição que nos dão as obras de arte pré-histórica é a de que o esforço de transmitir uma mensagem, provocar uma emoção, registar um acontecimento ou figurar uma ideia através da imagem ou da forma dada a determinada matéria é de sempre, e será de sempre: é uma pulsão inata e irreprimível, e como tal revela-se em todas as épocas e

latitudes sob formas espantosamente diversificadas, tal como nos mostra a História da Arte, mas sempre fascinantes e estimulantes. Quase se poderia dizer que ao contemplar a História da Arte se encontra um guia seguro para entender a própria História da Humanidade. As próprias artes dos nossos dias traduzem, para quem as quiser entender, os conflitos, incertezas, anseios e afirmações do homem contemporâneo.

As imagens e as formas à nossa volta

Se o hieratismo rigoroso da arte egípcia traduziu uma visão do Mundo e da sua organização de maneira tão exacta; a elegância e o equilíbrio da estatuária grega constituiu o “cânon” ou modelo da beleza humana até aos nossos dias; se a expressão pouco realista e altamente ritualizada da arte medieval dava forma a uma visão da transcendência própria dos tempos em que a cultura pagã clássica entrou em declínio; se a busca do equilíbrio entre uma concepção clássica do Homem e a herança cristã permitiu as magníficas obras do Renascimento; se a arte barroca traduziu a exaltação dos espíritos com as convulsões da Contra-reforma, também a arte moderna se tornou eco das perplexidades, das contradições e buscas de caminhos com que o homem contemporâneo se confrontou, e que estão associadas às questões filosóficas, científicas e sociais deste tempo.

Assim por exemplo, a pintura “cubista” é um esforço de associar numa única imagem, em simultâneo, todos os aspectos de um objecto sob todos os ângulos de visão - vejam-se por exemplo as obras de Picasso do seu período “cubista”. O “Surrealismo” procurou fixar visualmente as torvas e complexas imagens que povoam o nosso inconsciente e se revelam muitas vezes através do sonho; o “abstraccionismo” procurou pôr em evidência a pura beleza residente nas relações de formas, número e cor, desvalorizando quaisquer aspectos de representação da realidade; o “neo-realismo” procurou dar, das realidades e conflitos que atravessam a sociedade, uma imagem poderosa, denunciadora e sensibilizadora.

E modernamente, os movimentos artísticos nas artes plásticas diversificam-se e multiplicam-se em tendências, escolas e experiências. Exposições, “happenings” e “instalações” sucedem-se, denunciando uma busca incessante de exploração das possibilidades de expressão e comunicação. Sempre fáceis de aceitar e entender? Certamente que não.

De facto, gera-se frequentemente entre as pessoas menos atentas ou menos dispostas ao esforço de procurar o sentido de expressões menos usuais ou convencionais um sentimento de rejeição e até de irritação pelo que parece às vezes tratar-se de

pura provocação ou brincadeira de gosto duvidoso. Mas devem respeitar-se pelo que representam de tentativas importantes na busca de novas formas, novos conceitos novas fronteiras, novos espaços de intervenção, tanto como na ciência e nas técnicas o progresso se faz à custa da inovação, do questionamento e do contraste, e aí também não se faz sem conflito, dificuldades e por vezes escândalo.

E as belas obras da pintura e da escultura que as gerações de mestres nos deixaram e que nos habituamos a apreciar sem dificuldade, essas, estão sempre à nossa disposição nos museus e nas reproduções...

As atitudes do “olhar” e do “ver”

“Gosto!”, ou “Não gosto!” são muito correntemente as atitudes que se tomam perante uma qualquer expressão artística que nos é proposta. Com elas sentimo-nos justificados e desresponsabilizados por qualquer outro esforço de apreciação ou de compreensão com um julgamento sumário e definitivo arrumamos o assunto! Repare-se, porém, que essa atitude é culturalmentemuito pobre: com ela eliminamos à partida qualquer possibilidade de entender uma mensagem, saborear um novo campo de expressão, abrir-se a um novo conjunto de valores e horizontes significativos.

Alguém gostaria de ver o resultado do seu trabalho, das suas ideias ou das suas iniciativas, quaisquer que sejam, avaliadas assim sumariamente, sem explicação, sem o mínimo de consideração, de forma definitiva e sobranceira?

Bem mais importante do que esse julgamento sumário, definitivo e de certa maneira arrogante, será a atitude de fazer primeiro algumas interrogações: - Oque significa? O que quer transmitir? O que sugere? Porquê? Para quê? Por que meios?

Então poderá surgir um prazer e uma descoberta, um alargamento de horizontes, e uma maior compreensão da variedade e complexidade do mundo, e das maneiras de o olhar e entender.